

# Povos Indígenas no Brasil

Fonte IstoÉ Class.: 14  
 Data 20 de abril de 1983 Pg.: 57

## Uma idéia corrosiva

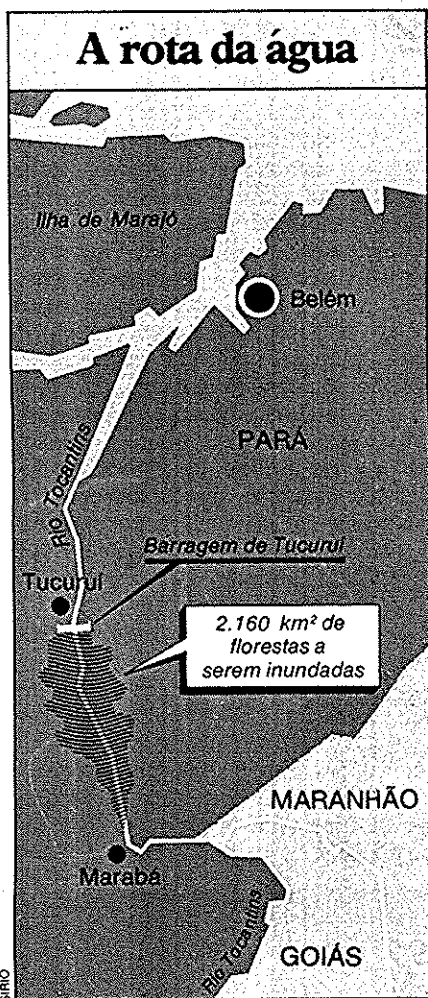
*INPA insiste em desfolhantes para Tucuruí*

Apresentada no ano passado pelo Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA), a idéia de usar desfolhantes químicos para limpar os 216 mil hectares de floresta que a represa de Tucuruí vai inundar foi prontamente repelida. Combatido pelo titular da Secretaria Especial do Meio Ambiente (SEMA), Paulo Nogueira Neto, o plano acabou

Mais do que isso, o plano do INPA - encarregado de avaliar o impacto ambiental causado pela represa de Tucuruí, no rio Tocantins, no Pará - parece dispor hoje de bons trunfos. Antes de mais nada, trabalha por ele a certeza de que o desmatamento, tarefa em que fracassou a Agropecuária Capemi, não poderá ser concluído por meios convencio-

de de matéria orgânica que vai envenenar as águas de Tucuruí. Uma das idéias é tentar esvaziar a represa periodicamente, para fazer escoar a vegetação apodrecida.

Os resultados, porém, não seriam espetaculares, pois o lago nunca poderá ser totalmente esvaziado: o escoamento mais baixo vai ficar 50 metros acima do fundo da represa. Diante dessa dificuldade, robusteceu-se a inquietante idéia de usar desfolhantes - ou herbicidas, como prefere dizer o presidente do INPA. O produto escolhido, segundo Bergamin, seria inócuo, biodegradável, à



*Bergamin: produtos químicos para abater a floresta*

capotando no Conselho de Segurança Nacional, que proibiu o uso dessas substâncias. Alguns meses mais tarde, porém, o presidente do INPA, Henrique Bergamin Filho, voltou à carga - desta vez com êxito. Com o sinal verde do Conselho de Segurança Nacional, que reviu a proibição, Bergamin anunciou há duas semanas (ISTOÉ nº 329) que a possibilidade de se usarem os desfolhantes químicos foi reabilitada.

nais antes do fechamento das comportas da barragem, no início do ano que vem. Isso não significa apenas que as águas do lago de Tucuruí poderão inutilizar 65 mil hectares de madeiras nobres, no valor de 1,2 bilhão de dólares. Há também um desastre ecológico no horizonte - a decomposição das árvores, sob as águas, produziria gases como o sulfídrico, o metano e a amônia, nocivos à fauna e à flora.

O INPA se propõe evitar esta parte da tragédia. Segundo Bergamin, o instituto tem pela frente dois "problemas coloridos": um "problema verde", que é o da decomposição de aproximadamente 6,5 milhões de toneladas de folhas, e um "problema marrom", criado pelos troncos que permaneceriam espetados no fundo da represa. Num esforço conjunto com a Eletronorte, que vai administrar a hidrelétrica, os técnicos do INPA estão considerando as soluções possíveis para essa colossal quantida-

base de hormônios vegetais, capaz de acelerar o envelhecimento das árvores e de corroer as raízes, fazendo com que os troncos se soltem do chão. O cronograma em estudos no INPA prevê a primeira aplicação em outubro próximo, para que as chuvas de inverno já possam carregar matéria orgânica para os rios.

Bergamin, engenheiro agrônomo especializado em química de águas, que se considera um "ecólogo", acredita que os efeitos nocivos do desfolhante serão insignificantes. "É o preço do progresso", alega. Nem todos concordam. Paulo Nogueira Neto, por exemplo, está alarmado. "Não fomos consultados nem comunicados sobre as intenções do INPA e da Eletronorte." O titular da SEMA está convencido de que os desfolhantes químicos são tão perigosos quanto ineficientes. "Além disso", diz Nogueira Neto, "nenhum desfolhante é inócuo, como pretende o professor Bergamin".